

Anderson Valentin em *Favelagrafia*: a comunidade do Borel e sua imagem, na luta contra o estereótipo da violência

*Anderson Valentin in Favelagrafia: The Borel
community and his hore in fighting the stereotype
of violence*

DANIELA MENDES CIDADE*

Artigo submetido a 3 de janeiro de 2020 e aprovado a 21 de janeiro de 2020

*Brasil, artista visual.

AFILIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Departamento de Arquitetura. R. Sarmento Leite, 320 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90050-170, Brasil. E-mail: danielamcidade@gmail.com

Resumo: Este artigo trata da série dedicada à favela de Valentin, artista brasileiro morador do Morro do Borel, RJ, Brasil, integrante do coletivo *Favelagrafia*. Nele, Valentin retrata moradores do lugar e busca, através de uma poética pessoal, desconstruir o preconceito de que a favela carioca é um lugar de violência. O texto aborda a obra do artista, e reflete sobre a cultura e as produções criativas que são realizadas na área da fotografia e das imagens, em reflexão sobre o território e identidades, e sobre a atuação dos coletivos de criação.

Palavras chave: photography / urban space / urban tribes / slum.

Abstract: This article deals with the series dedicated to Valentin's favela, a Brazilian artist living in Morro do Borel, RJ, Brazil, member of the *Favelagrafia* collective. In it, Valentin portrays locals and seeks, through personal poetics, to deconstruct the prejudice that the Rio de Janeiro slum is a place of violence. The text addresses the artist's work, and reflects on the culture and creative productions that are carried out in the area of photography and image, reflecting on the territory and identities, and on the performance of the creative collectives.

Keywords: photography / performative gesture / collaborative creation.

Introdução

Os grupos coletivos como o *Favelagrafia*, além de um símbolo de união e de resistência, desconstruem a imagem do artista gênio que faz seu trabalho criativo na solidão do atelier. Suas atuações vem atualizando, nos últimos anos, a noção de autoria, colocada em cheque por Duchamp (1987). Temáticas ambientais, políticas e sociais são comuns nestes trabalhos que defendem causas coletivas. Uma outra característica dos coletivos é a mistura entre elementos de arte e vida, não apenas dividindo o mesmo espaço de criação como os de habitação.

Questões ligadas ao preconceito, à periferia e à autoestima, a representatividade negra serão abordadas no ponto de vista da instauração da obra de um destes integrantes do grupo, o fotógrafo Anderson Valentim, e da maneira que um artista oriundo da favela consegue uma inserção e um trânsito em todos os sectores da cadeia cultural, através da utilização da tecnologia e das redes sociais. Pretende-se situar neste trabalho a ideia da exclusão, da privação, do abandono e do desejo de reconhecimento e do inconsciente ligados a lugares à margem, como os escolhidos para o trabalho do artista. A possibilidade de acesso viria através do pensamento sobre a vocação da utopia, da resistência sendo a arte apontada como a possibilidade de ultrapassagem de preconceitos impostos pela mídia tradicional como sinônimos de carência, tráfico e perigo. A capacidade da prática fotográfica como valor epistemológico e experimental, no sentido em que aponta Fabio La Roca (2018), aparece como a construção de um “conhecimento comum” que permitem ler a essência da cidade. Pretende-se também pensar sobre a construção de um novo olhar sobre esta situação em países como o Brasil, e da relação entre as práticas fotográficas e os sistemas de análise teóricos e críticos, em uma ampla gama de disciplinas intelectuais como a antropologia, a psicanálise, a geografia e as culturas populares, e de reexaminar o lugar da fotografia na cultura de imagem frente aos meios de comunicação de massa e as redes sociais. Ao abordar o trabalho deste artista visual e músico, pretende-se analisar seu processo de criação a partir de imagens pré-estabelecidas pela sociedade e efetivando a criação de uma obra original que transforma uma angústia de um cotidiano hostil em uma angústia por mudança.

1. Que país é esse chamado favela?

Segundo dados oficiais, o Brasil tem 13,6 milhões de habitantes morando em favelas. O Rio de Janeiro é a cidade brasileira com a maior população vivendo em aglomerados urbanos formados por becos e vielas com casas de dois ou mais andares. A comunidade do Morro do Borel localiza-se no bairro da Tijuca, na Zona Norte do Rio. Sua história está ligada à remoção da população que morava no

Morro do Castelo, no centro histórico do Rio de Janeiro em 1921. Hoje com uma população estimada em 25 mil habitantes, a favela se tornou um entreposto do crime organizado desde os anos 80 e 90 do século passado. No entanto, existe uma diversidade dentro do território favela em termos social, econômico e cultural.

A ideia de favela como um espaço homogêneo de exclusão, segregação e violência é o que move muitos artistas na busca de gestos transgressores para romper com a previsibilidade histórica e causar uma ruptura entre o que é dado e o que se pensa saber. Se por um lado as ações do governo e suas políticas públicas visam a segregação do território ocupado pelos pobres, a vida dentro das favelas parece ultrapassar os limites espaciais rompendo a falta de interação entre grupos sociais distintos através da arte. A arte surge como uma potência conforme definição de Aristóteles, lembrado por Didi-Huberman (2017:311): princípio do movimento ou da mudança em todas as coisas.

O desejo de mudança para desconstruir o preconceito de que favela é lugar de violência é o que move o coletivo *Favelagrafia* e o faz surgir como um levante: "levantar-se é jogar longe o fardo que pesava sobre os nossos ombros e entrava o movimento. É quebrar certo presente e erguer os braços ao futuro que se abre." (Didi-Huberman, 2017:117). A cidade por sua natureza é um processo contínuo de transformações e transfigurações dos seus espaços principalmente pela presença do corpo e seus gestos. "Levantar-se é um gesto. Antes mesmo de começar e levar adiante uma ação voluntária e compartilhada, o levantar-se se faz por um simples gesto que, de repente, vem revirar a prostração que até então nos mantinha submissos" (Didi-Huberman, 2017:117).

2. *Favelagrafia*

Favelagrafia foi um projeto de fotografia idealizado pelo diretor de arte André Havt e a designer Karina Abicalil em 2016, com o objetivo de mudar a visão estereotipada sobre a favela, valorizar os gestos criativos de dentro da favela de forma compartilhada e, com isso, provocar um movimento em busca de novas perspectivas. O projeto reuniu jovens de comunidades próximas, com o objetivo de mostrar a favela por quem vive nela. O projeto abriu inscrições em redes sociais, e acabou selecionando nove moradores de outras favelas. Todas as imagens foram feitas com *smartphones* cedidos. O mote inicial foi a busca de um olhar sobre os fragmentos e facetas das comunidades, buscando as dimensões multissensoriais e a diversidade do lugar. O projeto inicial, além de buscar artistas de diferentes áreas e dar formação na área da fotografia, também promoveu o deslocamento da favela para os espaços institucionais de exposição, sendo essa ação uma forma de ultrapassar os limites espaciais e sociais.



Figura 1 - Anderson Valentin, *Alguns lutam com outras armas*, 2019. Fonte: arquivo da artista.

Dessa iniciativa o *Favelagrafia* se afirmou como coletivo, forma contemporânea de atuação através do gesto como levante e resistência fazendo surgir uma insurreição poética e ultrapassar limites. Assim, Anderson Valentim, da comunidade do Borel, passou a trabalhar em conjunto com os fotógrafos e moradores de outras comunidades, como Josiane Santana do Complexo do Alemão, Omar Brito da Babilônia, Magno Neves da Cantagalo, Jéssica Higino da Mineira Saulo Nicolai da Prazeres, Joyce Marques da Previdência, Rafael Gomes da Rocinha e Elana Paulino da Santa Marta. Eles produziram também pequenos curtas, que foram selecionados em 18 vídeos e 36 fotos que integraram a *Favelagrafia 2.0*, segunda exibição do coletivo acontecida no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em novembro de 2019. Hoje os artistas do *Coletivo Favelagrafia* promovem cursos nas suas comunidades e se tornaram referência no lugar onde vivem.

3. Anderson Valentim , a tribo urbana e o gesto performático

Dar voz e imagem àqueles que não se sentem ouvidos pelos governantes. De coadjuvante, Anderson Valentim passou a protagonista com um olhar que representa seu desejo, e o desejo de sua comunidade. O que faltava para um desejo deixar apenas de ser vontade? Dublê de guarda de segurança e músico amador, Valentim, 35 anos, passou sete anos vigiando um abandonado estúdio da Herbert Richers, para que o prédio não fosse invadido. Depois de uma reunião com Aline Pimenta, uma das organizadoras que lhe passou a intencionalidade do projeto ele reuniu seus amigos músicos que tocavam com ele em um templo, e teve uma ideia de propor uma performance não musical com os instrumentos. Pediu que o grupo ficasse descalço (Figura 1) e pusessem as camisetas na cabeça, em uma imagem mimética àquela padronizada pelos soldados do tráfico de drogas. A diferença, notada após um olhar despido de preconceito, revela a sutil ironia: instrumentos musicais, como saxofones, trompetes e trompetes ocupavam o lugar das armas, os comuns fuzis e metralhadoras do noticiário policial do morro.

Valentim postou a imagem no perfil *Favelagrafia* do Instagram na manhã do dia 13 de outubro de 2016, com a legenda: "Foto original: alguns lutam com outras armas". Antes da noite, a foto havia corrido o mundo, com exibição na CNN Internacional. O que surge nas imagens de *Favelagrafia* é um processo de reelaboração do espaço da vida cotidiana, que permite a construção do gesto que lhe dá sentido. Uma continuidade de significação é redescoberta nesta "relação espaço/indivíduo", como diria La Roca, (La Roca 2018:20) que constituiria em uma expressão essencial do clima urbano e das ambiências quotidianos.



Figura 2 · Anderson Valentin, *Às vezes, nem sempre é o que parece, tio III*, 2016. Fonte: arquivo da artista.

Figura 3 · Anderson Valentin, *Às vezes, nem sempre é o que parece, tio, II*, 2016. Fonte: arquivo da artista.

Assim, a imagem e a performance fotográficas seriam uma força contra a lógica unificadora, que tende a “condenar, a marginalizar, e mesmo tornar invisíveis as características próprias do imaginário dos microcosmos urbanos, como lugares simbólicos frequentados habitados e vividos pelas múltiplas tribos” ((La Roca 2018:21). Esta teatralização das ruas, traria a transfiguração, própria ao coração do clima e dos meandros da cidade pós-moderna. A fotografia performática nos traria um espaço rico em imaginação dos espaços coletivos para pensar a cidade, no sentido que Ítalo Calvino nos apresenta na literatura, com suas *Cidades Invisíveis* (Calvino, 1990). “As cidades são um conjunto de várias coisas: de memória, de sinais de uma linguagem; as cidades são lugares de permuta, como explicam todos os livros de economia, mas essa permuta não se reduz apenas a troca de mercadorias, são trocas de palavras, de desejos, de recordações” (Calvino, 1990: 75).

O trabalho em coletivo pressupõe também uma solidariedade que conecta os sujeitos aos seus desejos. Para Didi-Huberman (2017), para sublevar o mundo são necessários gesto desejos, profundezas. A criança fotografada por Valentim (Figura 2 e Figura 3) torna seu corpo presente em um cenário hostil e ao mesmo tempo de desejo de movimento e de mudança, ou um desejo de emancipação da esperança infantil. A divulgação das imagens de Valentim como levante, como resistência e como corpo coletivo orientam e tornam perceptíveis uma outra realidade possível.

Conclusão

No âmbito da arte conceitual, a imagem de Valentim pode ser lida como um discurso que passa do essencial ao performativo, político, como bem apresenta David Green e Joana Lowry (Green e Lowry, 2007), gesto que traria uma nova indicialidade à fotografia, a partir dos efeitos da tecnologia eletrônica e digital sobre os antigos suportes fotográficos.

A imagem de Valentim estaria incluída nos gestos de declarar, proclamar, identificar, e até informar que *isto é uma obra de arte*, atitude comum aos artistas da vanguarda dos anos 60 e 70 do século passado. Em outras palavras, significaria encontrar uma força performativa nas imagens, transformando a indicialidade em discurso. Efetivamente, a presença corporal do fotógrafo como ator ou diretor é fundamental neste processo. Quando se falava de uma possível “morte da fotografia” (ibid: 49), a nova geração de artistas e fotógrafos, mesmo que intuitivamente no caso de Valentim, viria a recuperar o especial compromisso com a realidade e com a crítica social e com a realidade. Esta aura perdida da velha fotografia estaria sendo substituída pela noção de pertencimento, de integração a um

meio e a uma comunidade, no trabalho do artista em questão bastante ampliada pelo gesto performático. Este fenômeno estaria relacionado com a maneira como construímos a nossa relação da fotografia com a realidade, e de nossa compreensão das tecnologias e das redes sociais que ajudaram a gerá-la.

Referências

Didi-Huberman, Georges (2017) *Levantes*. São Paulo: Edições SESC São Paulo. ISBN: 978-85-9493-058-3

Duchamp, Marcel (1987) *Le processus créatif*. Paris: L'éhoppe. ISBN: 978-2905657251

La Roca, Fabio (2018) *A cidade em todas as suas formas*. Porto Alegre: Sulina.

ISBN: 978-85-205-0816-9

Calvino, Italo (1990) *Cidades Invisíveis*. São Paulo: companhia das Letras. ISBN: 978-8571641495

Green, David e Lowry, Joana (2007) *Que ha sido de la fotografia?* Barcelona: Gustavo Gilli. ISBN: 978-84-252-2132-3.